

CLUBE POSITIVISTA

AVENIDA 13 DE MAIO N.º 13 Grupo 1201

Fone 42-5062

MS. 01, p. 8/60

Rio de Janeiro, 9 de Homero de 181 (6 de fevereiro de 1969)
Exmo Sr. Diretor do Serviço de Censura do DFP.

Cordiais saudações.

A mordacidade, a crítica ferina, a anedota e mesmo certo a-canalhamento foram sempre os recursos utilizados pelo público, em certos momentos anômalos da sociedade, para causticar o irrealismo de certas medidas governamentais ou então no sentido de reprovar ou anular muitos de seus desmandos ou desatinos. Nada mais deletério que a mofa e o riso para desarticular as prepotências e atitudes anti-progressistas e liberticidas. Nada mais apto para reprimir costumes e modas da sociedade, ferindo pelo deboche, sutilmente, aqueles que se julgam os supra-somos humanos, mas que nada mais são do que frutos imaturos da situação anárquica ou retrógrada ora vivida.

Grandes gênios humanos, quando contidos em seus vãos, em tocos dos os setores da terra, sempre se utilizaram de tais sutilezas, sob forma de riso irônico, para mostrar os desvios e as falhas do homem, mas num sentido construtivo para melhor aperfeiçoá-lo moral e culturalmente.

Que se mire nos exemplos de Shakespeare, Molière, Lope de Vega, Erasmo e de tantos outros, críticos mordazes e conseqüentemente reformadores de uma situação político-social do mundo onde se situavam.

Não pouparam reis, potentados, clero por mais poderosos e violentos fossem. Suas penas serviam a causa humana e jamais seriam fâmulas dos que dispunham da força material para coagir almas livres. Suas expressões culturais eram geralmente incorruptíveis, donde a liberdade espiritual desfrutada, embora bastante opressoras, fossem as imposições temporais.

A necessidade de tal crítica era tão fundamental que os reis e os nobres tinham os seus bobos, não tão tolos como julgamos, mas suficientemente vivos para descaradamente revelarem certas verdades, nunca de público ditas, de modo chistoso e indireto. Revelações tão claras que inúmeros castigos físicos sofreram. Mas o imperativo social nunca os afastou das côrtes, pois, a verdade, muitas vezes rude no seu sentido exato, sempre foi mais útil à evolução humana do que os curvilíneos salamaleques e as mantiras oportunistas dos aúlicos.

Se ao público mais culto as peças teatrais de maior cunho intelectual satisfazem a finalidade referida, a anedota, a charge, as chanchadas teatrais representam o mesmo objetivo para a população menos intelectualizada. Convém, todavia, por aperfeiçoamentos sucessivos trazê-la para o convívio e a apreciação das obras primas de sentido mais moralizante, portanto de maior integração afetivo-intelectual.

Se determinada situação político-social é incapaz de resistir ao chiote, à crítica mordaz ou a comédia pornográfica, urge modificá-


la por incompatível com o estágio evolutivo atingido, e não, absolutamente, proibir sua exibição ou encenação. Medida que ao invés de revelar segurança e aceitação pública de certas imposições temporais ou culturais, demonstram, ao contrário, suas fraquezas e imposturas.

Não revelassem tais restrições aspectos deprimentes para justificativa de determinado momento histórico, teriam relativa importância, mas representam elas grave atentado á liberdade de expressão e de crítica, o fundamento do progresso espiritual do homem. Assume, então, caráter de suma gravidade para os destinos do povo, que só aceita imposição quando livremente debatidas.

Isto pôsto, o Clube Positivista, na defesa intransigente da liberdade e de pensamento, vem protestar contra o ato dêsse Serviço, proibindo a encenação em todo território nacional das peças "O Minas Gerais", de Jonas Bloth e J. D'Angelo; "A Invasão" de Alfredo Dias Gomes e "No sonho do girassol", de Hélia Teresinha de Giácomo e José Antônio A-
rantes, sob alegação de crítica ao movimento revolucionário de 1964 e de atentado moral. ^{apóios}

Sem submissões a êsse movimento, mas também sem estéreis e inconsequentes divergências, respeitando mesmo algumas de suas medidas moralizadoras, o Clube Positivista lança veemente apêlo a êsse Serviço no sentido de usar mais clarividência e largueza de vistas, já que a reprovação histórica a tôda violência cultural é por demais clara para restabece-la em nossos dias e para ser infringida impunemente, na apreciação de peças teatrais, frequentemente dotadas de conteúdo pouco edificante e portanto de muito efemera duração e sucesso. Sejam, porém, respeitadas, pois, a liberdade de expressão e crítica representam a base e a essência do progresso cultural do Homem, que só pode ser controlado pelo poder espiritual, exclusivamente pelo conselho, ensino e educação e nunca pelo Estado, em fase de absorção dessas atribuições por seu atual defasamento evolutivo.

Saúde e Fraternidade


Ruyter Demaria Boiteux, diretor-secretário